

MISSAS SUSPENSAS A Conferência Episcopal anunciou a **suspensão** das celebrações comunitárias da Missa, bem como as catequese e actividades pastorais presenciais a partir de 23 de Janeiro, na sequência do agravamento da pandemia do Convid-19 no país.

“Pedimos que, a nível individual, nas famílias e nas comunidades, se mantenha uma atitude de constante oração a Deus pelas vítimas mortais da pandemia, pedindo ao Senhor da Vida que os acolha nos seus braços misericordiosos, e manifestamos o nosso apoio fraterno aos seus familiares em luto”, conclui a nota.

Deste modo, a celebração comunitária das Missas está **suspensa** na nossa Paróquia, bem como as restantes actividades pastorais.

A Catequese já estava a ser dada através de meios de telemáticos e **assim vai continuar**.

O Secretariado Paroquial e a Igreja **continuam abertos**, nos horários habituais: de 3ª a 6ª das 16h00 às 19h00 e ao sábado das 10h00 às 13h00.

CONTRIBUTOS podem ser feitos directamente para a seguinte conta bancária:

SANTANDER

PT50 0018 0003 4942 2140 020 06

Ou através da plataforma <http://ofertas.patriarcadolisboa.pt>, desenvolvida pelo Patriarcado de Lisboa com o apoio do Banco Santander.

É fácil e cómodo: naquele link basta escolher o destinatário da oferta (paróquias, seminários ou Patriarcado), indicar o valor da doação e a forma de doação (Multibanco, MB Way ou Transferência Bancária).

SALMO RESPONSORIAL

Salmo 94 (95), 1-2.6-7.8-9

REFRÃO:

*Se hoje ouvirdes a voz do Senhor,
não fecheis os vossos corações.*

EVANGELHO DESTE DOMINGO

Mc 1, 21-28

Jesus chegou a Cafarnaum e quando, no sábado seguinte, entrou na sinagoga e começou a ensinar, todos se maravilhavam com a sua doutrina, porque os ensinava com autoridade e não como os escribas. Encontrava-se na sinagoga um homem com um espírito impuro, que começou a gritar: «Que tens Tu a ver connosco, Jesus Nazareno? Vieste para nos perder? Sei quem Tu és: o Santo de Deus».

Jesus repreendeu-o, dizendo: «Cala-te e sai desse homem». O espírito impuro, agitando-o violentamente, soltou um forte grito e saiu dele. Ficaram todos tão admirados, que perguntavam uns aos outros: «Que vem a ser isto? Uma nova doutrina, com tal autoridade, que até manda nos espíritos impuros e eles obedecem-Lhe!» E logo a fama de Jesus se divulgou por toda a parte, em toda a região da Galileia.

Far-nos-á bem hoje dedicar um pouco de tempo à oração e fazer memória do nosso caminho, a memória das graças recebidas, a memória da eleição, da promessa, da aliança. Um percurso interior no qual se procura subir, rumo à adoração, e no meio da adoração com tanta humildade recitar apenas esta pequena oração: “Ouve e perdoa”.

Sempre a caminho, caminho difícil, em subida, mas rumo à adoração, rumo àquele momento em que as palavras desaparecem diante da glória de Deus: não se pode falar, não se sabe o que dizer.

PAPA FRANCISCO



Rua João Dias, nº 53
1400-221 Lisboa
Tel: 210966989
sfxavier@paroquiasfxavier.org
www.paroquiasfxavier.org



Tres riches heures du Duc de Berry, Jesus expulsa um demónio

Jesus anuncia uma palavra de “autoridade” que faz crescer. A sua autoridade é unicamente um poder de vida e não de morte. Os escribas acabavam por esterilizar a Lei. Jesus liberta-a de toda a carcaça para fazer dela uma Palavra criadora de vida. E nós, em Igreja, que fazemos desta Palavra? Muitas vezes, transformamos as palavras do Evangelho em tantos preceitos morais, jurídicos, que enfermam as consciências culpabilizando-as, em lugar de fazermos apelos ao Espírito de liberdade que nos quer colocar de pé, fazer de nós seres vivos.

DEHONIANOS

DOMINGO Domingo IV do Tempo Comum. Deut 18, 15-20; 1 Cor 7, 32-35; Mc 1, 21-28 **SEGUNDA-FEIRA** Hebr 11, 32-40; Mc 5, 1-20 **TERÇA-FEIRA** Festa da Apresentação do Senhor. Mal 3, 1-4 ou Hebr 2, 14-18; Lc 2, 22-40 ou Lc 2, 22-32 **QUARTA-FEIRA** S. Brás, bispo e mártir, S. Anscário, bispo. Hebr 12, 4-7. 11-15; Mc 6, 1-6 **QUINTA-FEIRA** S. João de Brito, presbítero e mártir, Padroeiro secundário da cidade de Lisboa. Hebr 12, 18-19. 21-24; Mc 6, 7-13 **SEXTA-FEIRA** S. Águeda, virgem e mártir. Hebr 13, 1-8; Mc 6, 14-29 **SÁBADO** SS. Paulo Miki e Companheiros, mártires. Hebr 13, 15-17. 20-21; Mc 6, 30-34 **PRÓXIMO DOMINGO** Domingo V do Tempo Comum Job 7, 1-4. 6-7; 1 Cor 9, 16-19. 22-23; Mc 1, 29-39

PARA GUARDAR NO CORAÇÃO O QUE FOR MAIS PRECISO E PRECIOSO

P. José Frazão Correia, (excerto)

Chegam até nós dados, relatos e evidências de um mundo intoxicado, de modo que a toxicidade está presente em vários graus e em muitas dimensões das nossas vidas: afecta o planeta que habitamos, as construções sociais em que nos movimentamos, as relações que estabelecemos.

Focar no essencial, conhecer exemplos práticos de como descomplicar, promover a dimensão espiritual da vida e ir ao encontro da nossa verdadeira identidade para guardar no coração o que for, de facto, precioso. Sair com o coração mais vazio do supérfluo, que é sempre o que está a mais e não serve para nada, excepto para pesar e atar o coração, e mais cheios do essencial, aquele necessário sem o qual não vivemos bem. Desintoxicar é um desejo bom e necessário, para nós que, de facto, vivemos tão intoxicados, tão cheios, tão saturados, tão sôfregos, tão dispersos. E, tantas vezes, tão vazios.

No Ocidente, o desejo de menos será consequência de termos demasiado: demasiada comida, demasiada informação, demasiadas experiências, demasiado divertimento, demasiadas possibilidades, demasiada sofisticação. Por isso, mesmo este desejo de desintoxicação pode revelar-se ambíguo. Se o desejo de menos caminha junto com a indisponibilidade para deixar o que quer que seja, colocar a questão da desintoxicação pode ser, ela mesma, sinal de toxidade. Efectivamente, queremos light, mas com o prazer fácil do fastfood; queremos sem açúcar, mas continuando a beber refrigerantes; queremos sem gordura, mas continuando a comer batatas fritas; queremos saborear, mas de modo imediato e intenso – vale para a vida espiritual e para a liturgia, como para a música e a literatura; queremos uma vida mais simples, mas sem deixar qualquer comodidade. Queremos sol na eira, mas com chuva no nabal.

No entanto, como diz o Evangelho de Jesus, 'quem quiser ganhar, há de perder'. Um jogo difícil de jogar, com regras dificilmente aceitáveis. Mas não estará

aqui a chave mestra da arte de viver bem – querer menos, apenas o necessário e não mais do que o necessário, dispensando o supérfluo, para viver melhor? Vivemos em contínuo movimento e em permanente comunicação; somos emancipados e autónomos, plurais e multifacetados, sensíveis e sensuais, desportistas incansáveis e cultores da saúde e do bem-estar. O nosso íntimo tornou-se, ele mesmo, um parlamento de partidos diferentes e contraditórios, que coexistem e coabitam no mesmo hemiciclo. Vivemos tempos de possibilidades extraordinárias e de enormes contraditoriedades. Queremos liberdade sem limites e segurança garantida; queremos a privacidade, a par da comunicação sem restrições; somos adeptos da meritocracia, mas queremos o acesso gratuito a inúmeros bens; queremos viajar rapidamente, mas somos contra o ruído e a poluição dos aviões. Somos racionalistas e hiper sensíveis, adultos e autónomos, mas com um quê de infantil e de mimado.

Depois, estamos profundamente marcados pelo registo económico. A economia domina o sentimento e a sensibilidade que partilhamos, colonizando todos os outros campos, da política à cultura. Somos uma sociedade inventiva, que investe, que aposta no novo, que responde a tantas necessidades e procura activamente solução para tantos problemas. Vivemos um tempo de enormes possibilidades: de comunicação, de relações entre mundos distantes, de uma cooperação económica que é capaz de superar conflitos políticos e históricos. No outro lado desta moeda, porém, tudo se transformou em linguagem económica, que, em si mesma, é voraz. Devora o espaço público e as relações e, na bolsa, tanto faz subir valores sem que se perceba o motivo, como desvalorizar vertiginosamente o que há bem pouco tempo valia tanto. Essencialmente, somos tidos e comportamo-nos como consumidores que se consomem consumindo. Produzimos coisas em vista da sua perda de validade e de garantia. Consumimos experiências, consumindo-nos nelas. E temos que crescer, crescer sempre mais. Mas até onde, poderemos perguntar?



The Belles Heures of Jean de France, duc de Berry, Anunciação

Somos seres também modelados fortemente pela publicidade, linguagem criativa que joga alegremente entre o mundo real e o mundo maravilhoso de todas as possibilidades. A publicidade sussurra necessidades e promete tudo – finalmente, totalmente, verdadeiramente – a custo de nada ou de muito pouco. Oferece o céu já nesta terra. Aquele perfume que recria o mundo e, finalmente, o torna desejável, feliz, perfeito. Mas pode garanti-lo? Vivemos em sobre-excitação, em excesso de conectividade, em consumismo.

A fasquia das promessas está demasiado alta, gerando, obviamente, pessoas deprimidas, desiludidas, enganadas. Porque um perfume é só um perfume e não mais do que um perfume. Na realidade, bem sabemos que um perfume não pode garantir o céu. Somos uma multidão de vítimas enganadas. Somos todos vítimas do sistema, das falsas promessas, dos mercados, dos vírus, da poluição. As letras pequeninas dos con-

tratos, ilegíveis porque não são feitas para serem lidas, são o avesso realista dessas promessas fantásticas da publicidade. Em caso de insatisfação ou de litígio, desfazem a expectativa daquele produto poder realizar o que prometera. Não tutelam ninguém e protegem de qualquer responsabilidade quando chega a desilusão e a frustração.

O cuidado atento às linhas que nos cosem e aos ritmos da nossa humanidade gerará sobriedade e autenticidade de vida, que reforçarão e refinarão a sensibilidade pelo que é essencial, que é o que se distingue do supérfluo e do postiço. Querer menos pode ser o caminho propício para viver humanamente melhor. Quanto bastará para termos o necessário? Como distinguir o necessário do supérfluo? Poderemos guardar no coração o desejo de renunciar ao supérfluo para viver só do necessário?